

**ENSINANDO A VOAR: SER PROFESSOR EM CAMPINA
GRANDE. NA DÉCADA DE 1930**

Maria Raquel Silva*
maryaraquel@yahoo.com.br
Sílvio César Lopes da Silva**
sclopes2@yahoo.com.br

Introdução

A história da educação no Brasil vem sendo tratada como algodão na tecelagem, uma matéria prima que com cuidado e muito trabalho é moldada para se tornar fios e logo tecido, bebendo de outras fontes, como a sociologia e a História, esse objeto da história ganha contornos ao passo que os seus tecelões buscam de forma interdisciplinar construir um campo para si.

Pensado a instrução na instituição escolar Sólon de Lucena, a partir de um viés da história da educação e da história cultural, formulamos nosso texto tendo em mente a década de 1930 como *doxa* para instrução no Brasil, Paraíba e, assim, Campina Grande. No entanto, observamos que em meio às mudanças na educação nacional, outras transformações contribuíram para que fossem elaborados pensamentos, propostas e desejos de um modelo educacional ideal para o país, o estado e a cidade. Sendo esses elementos originários do social, do cultural e do meio político que, de certo modo, contribuíram para que esse momento se diferenciasse dos demais não só nas instituições educativas, mas também no cotidiano da cidade.

Tecer uma história da instrução em Campina é pensar a cidade em suas nuances e sensibilidades, as normas que foram elaboradas para educação no referido instante, as mudanças propostas o modelo de cidadão se desejava formar e principalmente, refletir o professor em seu ofício. No intuito de cogitarmos o papel do professor na década de 1930 utilizamos como fonte uma crônica e outros textos publicados no Jornal Voz da Borborema.

* Aluna do curso de Mestrado PPGH (UFPB)

** Graduado em filosofia, com especialização em educação (UFCEG) e aluno da especialização em letras (UEPB).

1.1 O problema da fonte para o trabalho em história da educação

Mantendo uma estreita relação com a História Cultural a História da Educação vem desde o final do século XX aumentando o seu campo de pesquisa. Segundo Magalhães, o crescimento dos estudos com abordagens envolvendo a história da educação passou a ser maior quando os pesquisadores passaram a explicar os fenômenos educativos a partir de conceitos da história cultural, principalmente, tendo como base a triangulação materialidade/representação/ apropriação tem diversificado a área de pesquisa.

Para Magalhães, a história da educação seria uma especialização da história e que de forma interdisciplinar, se associando também com a sociologia, procura observar temas como: *herança cultural, igualdade de oportunidade, educação e mobilidade social, educação e gênero e outros*. Ao dialogar com a história e com a sociologia a história da educação constrói um discurso próprio.

Tem aumentado, assim, os estudos que buscam dar sentido histórico a institucionalização das escolas e dos sujeitos que compõem a escola, influenciada pelos questionamentos, conceitos e diálogos realizados pelos historiadores da cultura, os sociólogos e outros saberes, ganhando um forte revigoramento e diversidade, com as mudanças propostas com os Annales a partir dos anos de 1970, que inovou no tratar das fontes e o conceito de fonte, concebendo fonte como todos os *vestígio humano escrito* ou não, oficial ou não. Esta renovação do conceito permitiu também a ampliação dos objetos e dos olhares lançados sobre eles ao valorizar temas, muitas vezes, tidos como secundários e por possibilitar uma conversa com outras áreas.

Assim, o olhar do pesquisador tem que estar atento para dar a ver as tramas vivenciadas no cotidiano, estando alerta para a pluralidade de sentidos dados e representados, procurando ter uma visão mais refinada, indagando sobre o tipo de fonte, o lugar de produção de sentido de quem representa. No caso da história da Educação, mais especificamente a história das instituições escolares, o crescimento dos documentos usados, a possibilidade da utilização dos relatos dos sujeitos escolares, das imagens, dos currículos, dos jornais, dos diários de sala, dos livros didáticos e outras

fontes permitem ver a escola e a subjetividade daqueles que compunham a escola e também daqueles que viam a escola fora das tramas cotidianas.

Portanto, pensamos como uma cultura histórica cria lugar e função para a escola. Atualmente costuma-se pensar a cultura histórica a partir de duas definições. De um lado, estão aqueles que compreendem a *cultura histórica* como: a produção historiográfica realizada pelos historiadores sobre um determinado assunto, a exemplo de Jose Jobson Arruda que diz: *Pensar a cultura histórica é atravessar os vários momentos cristalização historiográfica com a instauração de linhas mestras interpretativas hegemônicas e hegemônicas*. Por outro lado, outros historiadores conceituam a cultura histórica de forma mais ampla ao dizer que esta é composta pelas várias leituras que podem ser realizadas sobre o passado, ou seja, a cultura histórica é composta pelas representações construídas sobre o passado por diferentes sujeitos, historiadores ou não.

Acordamos, neste caso, com o conceito que define a cultura histórica no sentido das representações dos vários saberes, pois pensamos que não só os historiadores constroem a história de uma sociedade estas funções são experimentadas e difundidas por outros saberes. É neste sentido, que observamos as fontes e verificamos que não só os educadores pensaram a escola, mas jornalistas, cronistas e outros saberes atribuíram a escola da cidade um lugar.¹

Vendo os documentos, textos jornalísticos do semanário *Voz da Borborema* e o jornal *A União*, fotografias e legislações como representações de uma experiência, acreditamos que existe uma pluralidade de métodos científicos que podem nos auxiliar na leitura destes documentos, somos conscientes que toda análise de documento será sempre dirigida pelas leituras do presente. Como nos diz Sandra Jactahy Pesavento:

A fonte da imprensa periódica como um todo, exige atenção ao traço fugaz e imediato da notícia, já que sua natureza é informar cotidianamente, dentro do que lhe interessa os temas mais recorrentes. Assim, é preciso atentar para o curto tempo das notícias, e o tempo macro de uma dada época do passado. O curto tempo das notícias só se alarga quando o pesquisador aciona sua bagagem de conhecimentos e leituras que lhe permitam recorrer sempre que se fizer necessário, e estabelecer a sua grade de correspondência.²

Desta forma, para um pesquisador, o referencial teórico que ele adota pode servir como uma lente por onde ele observa e se aproxima dos documentos, a partir dos questionamentos e confrontos de informações. A decisão de optar por uma metodologia de pesquisa muitas vezes é decorrente do material coletado e dos objetivos que queremos alcançar.

1. 2 Fazendo uma História da Educação de Campina Grande década de 1930

Reger uma orquestra requer uma dedicação, sensibilidade sonora e muitos ensaios. Já reger uma sala de aula nos anos 30 era necessário vocação, sacrifício, renúncia e solidariedade para formar os futuros cidadãos. Estava, assim, nas mãos dos mestres o futuro. Embora saibamos que o sujeito professor não é dado definitivamente, nem é portador da verdade, mas alguém que se constituiu no interior da história, sendo fundador dela e fundado por ela, sendo normalizado e constituído por longos e árduos conflitos discursivos, epistemológicos e práticos.

Segundo Albuquerque Jr. (2003), no início do sistema republicano brasileiro as elites aburguesadas passaram a ter uma maior apreciação pela cultura européia, dita moderna, propondo uma reformulação das manifestações dos costumes, criando propostas para higienizar os corpos e disciplina-los, segundo cada ambiente, normas de comportamentos foram criadas para moldar os corpos e mentes do homem moderno em formação, seguindo uma moral burguesa em implantação.

Nas primeiras décadas do século XX foram geridas propostas para definir um perfil de cidadão brasileiro, tendo em vista que o Brasil não era mais um país escravista e a migração crescia a olhos vistos, a economia passava por transformações e o desejo por atingir um progresso fazia parte das conversas dos intelectuais, políticos e demais camadas da sociedade.

Tomada por modificações que em volveram o cenário nacional da década de 1930, na política com o governo varguista, na economia com crescimento das exportações de algodão Campina Grande revestiu-se de transformações, ruas foram abertas, edifícios derrubados e outros construídos. Neste sentido, o cidadão campinense passa a ser pensado nesse meio e a ser objeto de diálogos dos jornalistas em suas reportagens e crônicas. Nos jornais percebemos que a educação foi concebida como

uma estratégia na produção do homem ideal brasileiro, cujo padrão de vida deveria estar baseado no trabalho, na agilidade, na responsabilidade e na civilidade. Essa visão do ensino colocava o professor como responsável pelo sucesso ou pelo fracasso das políticas pensadas para a educação.

Como nos diz Magaldi, as modificações que ocorreram no Brasil na década de 1930 envolveram também a educação, pois neste momento buscou-se construir uma identidade nacional, sendo a educação vista como uma ferramenta nesta tarefa e os educadores os operários.

Para conquistar os interesses progressista e desenvolvimentista Getulio Vargas instituiu normas para educação e apoiado no saber médico, aumentou o numero de estabelecimentos escolares, pois a escola passou a ser vista como um espaço do controle, da disciplina, da higienização e pela burguesia côm o lugar onde os cidadãos são formados, seria nas instituições escolares que se formariam os cidadãos e logo o Brasil superaria o atraso.

Como diz Oliveira, as modificações no ensino podem ser percebidas como um meio utilizado pelos saberes na tentativa de tornar a escola como um lugar de elaboração do homem moderno e o mestre, professor, seria o produtor do saber que levaria a nação brasileira a acumular conhecimento, desta forma o mestre era tido como o *salvador da pátria*. Na crônica de Cristino Pimentel, observamos a visão critica do autor com relação a expansão educacional na cidade e a importância dada aos professores pelo mesmo. Quando menciona que *Ao transpor os batentes do grupo receberam-me os cumprimentos amáveis de algumas professoras que alli se achavam como pintassilgos no trigal. No gabinete em festa de riso, coisa que tem quando se é contente com a profissão, saudou-me o professor Loureiro, alma abnegada da instrução em nossa terra*. O cronista mostra o que sente ao chegar ao Grupo Sólon de Lucena e ser recebido pelas professoras, que no seu ver, eram felizes na atividade que exerciam e que realizavam com prazer e empenho.³

Noutra passagem da crônica perpassa a concepção do cronista sobre a importância da instrução na formação da sociedade, revelando o papel das instituições escolares para os intelectuais campinenses e o modelo de cidadão que se desejava formar naquele instante. *Trocados os cumprimentos entrei no assunto que me levava*

aquella casa futura, onde um bandão de avizinhas humanas ensaiam o voou do espírito, aprendendo o ABC, para mais tarde, galgando postos na officina da vida, amarem a pátria, a Deus e a família. O que notamos nesta crônica é que, entre outras coisas, o cronista deixa a perceber que o professor deveria formar as crianças para que ao crescerem amassem a pátria, no contexto da escrita observamos que em 1938, vivendo os primeiros momentos no Estado Novo, amar a pátria seria concordar com as decisões tomadas pelo Estado, amar a Deus e a família, respeitando assim as questões morais.⁴

Mas para formar o cidadão campinense não bastava expor os conteúdos das disciplinas escolares, os mestres tinham que ficar atentos para perceber entre os alunos as suas aptidões para a vida em sociedade e suas deficiências, só assim seria possível corrigir aquilo que impedia a criança de ser um cidadão que respeitasse a moral os bons costumes e o que pudesse impedir de contribuir para o progresso social, econômico e cultural da cidade. Além disso, cabia aos professores perceber as anormalidades físicas dos alunos e tentar corrigi-las ou procurar meios eficazes para atenuar as diferenças.

Em meio às dificuldades e as diversas funções atribuídas aos professores de Campina Grande, essencialmente no período denominado Estado Novo, caberia aos mestres, ainda, identificar nos alunos as deficiências que não eram perceptíveis aos olhos daqueles com quem convivia, a família. Cabia ao professor identificar em sua sala de aula aqueles que não estavam enquadrados dentro de um padrão desejado e compatível com o discurso normativo dos psiquiatras, dos médicos e outros campos de saberes que observavam a infância.

Maria Dulce Barbosa que na oportunidade da Semana Pedagógica, realizada no grupo escolar Sólon de Lucena em cidade de Campina Grande na segunda semana de dezembro do corrente ano de publicação, expôs suas preocupações sobre a relação professor-aluno, o papel da educação entre outras.

Em sua fala, a professora defendeu que os professores deveriam procurar de maneira “dócil” integrar os alunos dentro do perfil de normalidade que lhes era cobrado por discursos médicos, políticos, higienistas, eugenistas e etc. Era, assim, atribuída aos professores à função moldar mentes e corpos saudáveis e civilizados para a formação da sociedade “moderna”, “progressista” e “civilizada”. Neste sentido, procuramos perceber

nesta fala como o corpo era concebido socialmente, sendo alvo das análises e das representações que cada grupo social faz, a partir de sua sensibilidade e cultura significa, dando sentido variado, sentidos variantes dependendo do tempo e dos interesses envolvidos.

Identificar os alunos que não estavam dentro de um padrão normal de aprendizagem, requeria não só uma observação da aprendizagem dos alunos e suas ações na sala de aula, mas também um se porta-se fisicamente nas aulas. O professor como um vigilante, deveria está atento para distinguir dentro do padrão de normalidade os normais e as exceções.

Vejamos como no fragmento do discurso proferido pela professora Maria Dulce Barbosa na palestra da Semana Pedagógica realizada no grupo escolar Sólon de Lucena, Campina Grande, em dezembro de 1938 e publicado no semanário *Voz da Borborema*, o papel do professor no ensino foi construído e apresentado a partir do olhar do professor para com seus alunos:

Anormais. No tirocinio pedagógico, nós professores, uma alta missão a cumprir: o dever de investigar, de procurar nos escolares a origem dos defeitos ocultos aos olhos maternos. E é com lente bem forte que distinguimos anormais no meio da gleba escolar.

Anormais são crianças possuidoras de anomalias físicas ou psíquicas.⁵

Como nos diz Sousa (2003), a sociedade campinense vivenciou diversas modificações no campo social, cultural e econômico, no período de 1930 a 1945, quando a cidade foi palco de uma atribulada reforma urbana. As elites letradas e proprietárias campinenses vivenciaram uma verdadeira teatralização do poder acompanhada por uma dimensão disciplinar que se baseavam na chamada universalização dos chamados valores modernos, progressistas, higienistas e desenvolvimentista.

Segundo o que sugere Maria Dulce, no primeiro ensino, na aprendizagem das primeiras letras e números, os professores deveriam saber identificar os anormais, que, no entanto, aos olhos da família assim não pareciam. A escola se coloca com lugar de saber e poder que inscreve com discursos os lugares de cada um na escola e sociedade. Além de reconhecer as diferenças, cabia aos professores buscar explicações para a origem das diferenças anormalizantes e justificar seus posicionamentos, que são fruto da

legitimidade de um poder que lhe fora conferido pelos saberes como o saber médico, higienista, psiquiátrico e eugenista e os poderes como Estado. Assim, o professor procurou dar legitimidade aos discursos instituídos pela sociedade em seus variados discursos. Como percebemos estes discursos estão marcados na fala da professora Dulce quando ela diz que os anormais podem ser identificados em grupos, onde uma parte pode ser corrigida e outra não, por meio das características físicas e psíquicas.

Considerações finais

Podemos traçar assim nossas considerações finais sobre as questões que na introdução expomos e perceber como no dia-a-dia escolar, do grupo Sólon de Lucena de 1938, as relações e as práticas educacionais estavam envolvidas em uma trama ditada por questões geradas não só no seio do ambiente escolar, o meio social ao qual a escola estava inserida influenciou na forma de pensar dos sujeitos que a compunham e daqueles que narraram as experiências educacionais em 1938.

Nas páginas jornalísticas percebemos um esforço por parte dos educadores de Campina Grande em acompanhar e realizar atividades educacionais já experimentadas por outras escolas, principalmente do sul do país. Portanto, observamos que a imprensa da época em estudo dialogava com uma minoria alfabetizada, ou, uma elite intelectual, portanto, expressava uma idéia conservadora nas propostas educacionais, ou de ajustamento da população ao ideário civilizador europeu: letrado, trabalhador, higiênico, regrado moralmente.

Percebemos também que em se tratando de educação, cada momento histórico perpassa uma problemática. Com relação à instrução escolar, o que podemos concluir é que esta pode ser organizada, dependendo de como esteja estruturada a economia, a cultura e a política em determinado período. O contexto social, cultural e econômico influencia o sistema educacional, até por que, esses fatores ditam as “modificações” e se a educação não acompanhar, haverá uma crise na instrução, salientando, contudo, que tanto a educação pode ser um agente formador da sociedade, como poderá ser formada pela sociedade. Ao construirmos uma narrativa histórica que possibilite entender como os jornais contribuíram para a construção da idéia de educação em Campina, a partir de um espaço escolar, não esquecemos o contexto vivenciado por essa cidade no recorte

temporal escolhido, momento de transformações sociais, culturais e econômicas, em que a Escola Sólon de Lucena, por ser um dos poucos Grupos Escolares da cidade e estar localizado no centro, recebeu toda a responsabilidade de formar o novo cidadão Campinense.

Notamos, assim, que em meio a diversas discussões sobre ensino são recorrentes as falas que abordam as funções atribuídas aos professores durante o período denominado Estado Novo, o professor campinense fora incumbido de identificar dentre os escolares as características que os enquadravam em um perfil de normalidade. Em nosso texto temos o objetivo de pensar como a escola compartilha idéias que são geradas por outros saberes e como (re)cria discursos para nomear, diferenciar e até mesmo excluir os sujeitos.

¹ Neste caso, pensamos que, ao elaborar uma crônica ou um artigo jornalístico sobre educação, o escritor se apropria de leituras e de idéias de outros saberes como o médico e o político, por exemplo, significando e expondo idéias de outros saberes. Para aprofundar o que sobre o que seria cultura histórica Cf. FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica. In: *Saeculum. Revista de História*. n.16. João Pessoa, DH/PPGH/UFPB, 2007, p.83-102.

² PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p 41

³ *Voz da Borborema* (1938), ano II, n. 10, Campina Grande, Parahyba, 16 de fev.

⁴ idem

⁵ *Fala da professora Maria Dulce Barbosa na ocasião da semana pedagógica de 1938. Voz da Borborema* (1938), ano II, Campina Grande, Parahyba, 17 de dez.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

CAVALCANTE, Silêde Leila O. "Campina Grande De(fl)vorada por forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a campina burguesa" In; GURJÃO, Eliete de Q.(org.) *Imagens multifacetadas da história de Campina Grande*. Campina Grande: Prefeitura Municipal, 2000.

FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos Ditos: História e Cultura Histórica. In: *Saeculum. Revista de História*. n.16. João Pessoa, DH/PPGH/UFPB, 2007.

GHIRALDELLI Jr. *História da educação*. São Paulo, SP: Cortez, 2000.

-
- GONDRA, José G.. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, E.M.T. et al. (org). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- GONÇALVES, Irlan Antônio. Cultura escolar: práticas e produção dos grupos escolares. Minas Gerais (1891/1918). Belo Horizonte: Autentica/UCH_FUMEC, 2006.
- HORTA, José Silvério Baia, O Hino, o Sermão e a ordem do dia; regime autoritário e a educação no Brasil. Rio de Janeiro: ed.UFRJ,1994.
- MAGALDI, ANA Maria B. M. Cera a Modelar ou Riqueza a preservar: a infância nos debates educacionais brasileiras (anos 1920-1930). In *História, Infância e escolaridade*/ José Gondra-1ª edição-RJ: 7 Letras, 2002
- MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo Nexos: história das instituições educativas*. Bragança Paulista: editora Universitária São Francisco, 2004.
- OLIVEIRA, Iranilson B. Façamos a Família á nossa Imagem: a construção de Família no Recife Moderno (décadas de 20 e 30). Recife, 2002. Tese (Doutorado em História) CFCH, Universidade Federal de Pernambuco.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.
- SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de.Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). In *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, nº 46, pp. 61-92 – 2003
- VEIGA, Cynthia Greive.; GOUVEIA, Maria Cristina Soares. Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas. *Educação e Pesquisa*. v.26 n.1 São Paulo.jan./jun.2000.
- _____. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane M. Texeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de e VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.